



Apresentação

O texto a seguir faz parte do livro *Cartas Lésbicas* (2024), que está disponível para compra em <http://asondaseditora.com>.

Acesso à escrita: ritual da linguagem¹

Nicole Brossard

Quando uso a expressão “acesso à escrita”, estou insinuando que a escrita é algo desejável. Porque sei que a escrita é memória, poder de presença e proposição. Também sei que, em minha prática, a escrita é um ato que me permite existir com e além das minhas restrições biográficas. Pois, ao escrever, eu me torno *tudo*: sujeito, personagens e narrativas, hipótese, discurso e certeza, metáfora e movimento do pensamento. Ao escrever, eu me torno um processo de construção mental que me permite fazer uma síntese do que, na vida, na vida real, é preciso separar em porções de ficção e de realidade. Ao escrever, posso transgredir as leis da natureza e posso transgredir todas as regras, inclusive as

¹ *Accès à l'écriture: rituel langagier* foi apresentado no “VIIIe Colloque interdisciplinaire de la Société de philosophie québécoise” na Universidade de Montreal em 1984. Uma tradução para o inglês foi publicada na revista *Trivia*, nº 8, 1986.



gramaticais. Sei que escrever é fazer existir, é *como* decidir o que existe e o que não existe, é *como* decidir sobre a realidade.

Digo tudo isso empregando o “eu”. Agora, imaginemos esse eu no plural masculino repetido ao longo dos séculos, sua verdade repetida como A Verdade. Imaginemos que esse eu masculino plural, mais conhecido como o Homem, ocupe, em todo o seu esplendor, em toda a sua mediocridade, com todos os seus medos e êxtases, o campo semântico e o imaginário. Imaginemos que, em todas as emoções de seu orgulho, esse eu masculino plural tenha de fato ocupado todos os lugares significativos em uma ordem concebida por ele. Vamos imaginar o pior, ou seja, que, com o mesmo golpe de sua mente e de sua caneta, ele tenha eliminado a existência da Mulher: decretou a inferioridade das mulheres e inventou A mulher. Imaginemos o esforço de imaginação que precisaremos fazer para entender, expressar e implantar a imagem essencial que nós, mulheres, desejamos de nós mesmas como presença no mundo.

Roland Barthes escreveu, em *O grau zero da escrita*, que “escrever é um ato de solidariedade histórica”². Com isso, podemos entender o “problema emocional” que o acesso à escrita representa para uma mulher. Ainda assim, no entanto, quem escreve não pode abandonar a memória da linguagem. Já que para escrever é preciso, como sujeita desejante, querer realizar um ato de presença na linguagem, usando-a para atualizar uma maneira de ser (o estilo), uma maneira de ver (a perspectiva) e uma maneira de pensar (a ordem).

² BARTHES, Roland. *Writing Degree Zero*. Trans. Richard Miller. New York: Hill and WANG, 1967, p.14.



Portanto, é levando em conta a memória já inscrita na linguagem que eu gostaria de examinar primeiro os antônimos alojados no coração da unidade semântica que constitui “a mulher”; antônimos que paralisam as mulheres em suas funções imaginativas, discursivas e desejantes; antônimos dos quais deriva o estado permanente de duplo vínculo³ e de contradição no qual as mulheres vivem.

Ela: sua ausência/sua presença (a imagem)

As mulheres passaram séculos aprendendo a se familiarizar com palavras e fórmulas cuja mágica consiste em torná-las invisíveis, fatalmente presentes e convenientemente reais.

Invisíveis: onde há o Homem, não há *mulheres*. Quando uma mulher transcende a si mesma, ou seja, quando está em seu melhor momento, diz-se que ela se torna como um homem. Isto é o apagamento do sexo. Uma mulher em sua melhor forma é invisível como mulher. O Homem, como “símbolo da

³ N.T. O duplo vínculo é um dilema comunicacional, geralmente imposto sobre uma pessoa ou grupo de forma a fomentar confusão mental e emocional. A situação de duplo vínculo consiste em duas mensagens conflitantes, que se negam mutuamente, impostas como igualmente verdadeiras. Ou seja, a resposta a tais mensagens será necessariamente errada em todos os cenários, resultando em demandas irreconciliáveis. A situação de duplo vínculo é imposta a partir de uma posição de poder sobre pessoas ou grupos colocados como inferiores.



síntese do mundo, como o centro do mundo dos símbolos”⁴, produz uma unidade de presença e precedência em cada homem, efeito que constitui, ao mesmo tempo, sua humanidade e sua superioridade. Onde há humanidade, a mulher é invisível. Tornar visível a mulher cujo significado e presença intuímos em nós mesmas como um elemento de identidade é uma tarefa de escrita que nos força a mudar os significados de maneiras inéditas na imaginação da linguagem.

Fatalmente presentes: mesmo onde as mulheres são feitas invisíveis, ou seja, no campo simbólico, não obstante encontramos sua presença ameaçadora, ainda que oblíqua, porque sua presença é indelével, assim como o nascimento e a morte. Sereias, bruxas, górgonas, fadas e ninfas estão inevitavelmente presentes em toda mulher como um poder maligno que leva os homens à sua perdição.

Convenientemente reais: já que não é possível eliminar as mulheres, esse sexo que desonra a humanidade, mais vale fazê-lo servir, mais vale usá-lo. Quando digo “mulheres convenientemente reais”, é para refletir a presença real de mulheres no cotidiano e os usos dados a elas. Mães, esposas e prostituídas designadas ao departamento de manutenção. Figuras, papéis, modelos congelados na tautologia da vida cotidiana. O realismo da imagem: A mulher, produto do homem, paira suspensa sobre nossas cabeças como uma ameaça de extinção de nossas vidas e vive dentro de nós como um hábito incômodo.

⁴ Citação reproduzida na versão em português: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Tradução de Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melin. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1982



Você deve ter notado que não mencionei a amazona ou a lésbica. Essas são figuras essenciais, as portadoras do orgulho feminino, as iniciadoras da autonomia feminina e, acima de tudo, são figuras impulsionadas pela presença de espírito das mulheres. As amazonas e as lésbicas são as únicas mulheres que não foram inventadas pelo homem. Nesse sentido, são figuras utópicas e malditas. Figuras interditas ao acesso, exatamente como a escrita que eu já descrevi como desejável.

A conquista da imagem como réplica

A magia das palavras, como é praticada no contexto da imaginação patriarcal, serve *de uma só vez*:

- I. para excluir as mulheres da representação quando elas vão além de sua condição feminina, ou seja, quando se tornam sujeitas – aí são assimiladas ao Homem;
- II. para reintroduzir essas mulheres na representação como inimigas ameaçadoras e fatais, ainda que poderosas;
- III. para ridicularizar e desprezar a face explorada e alienada que as mulheres vestem em um cotidiano no qual são exploradas e alienadas;
- IV. para promover esse mesmo cotidiano.

Esse jogo de aparições e desapareções é colocado numa tal sincronia que é quase impossível capturar uma imagem positiva da mulher e, sobretudo, é



impossível se deter em algo por tempo suficiente para fazer um balanço (focar em algo), em outras palavras, para formar uma ideia. Na medida em que a imagem positiva é difícil de perceber, beirando o subliminar, é que podemos dizer que em toda mulher há uma alternância de certeza mínima e dúvida máxima sobre a existência de tal imagem positiva.

Por consequência, eis a irresolução perceptiva que turva a consciência de uma mulher com relação à imagem positiva, tornando-a uma fonte de hesitação, que aqui deve ser entendida no duplo sentido de “ter escrúpulos e, ainda assim, buscar suas palavras”.

É na busca por suas palavras — e em nenhum outro lugar além da escrita procuramos tanto por palavras — que a mulher é apresentada à imagem positiva que a faz existir como sujeita. A imagem é motivo e motivação. A imagem é tão cativante quanto uma emoção que se empolga com a consciência que dela se dispõe.

A imagem dá sentido ao sentido que damos às palavras. As palavras se movem na direção de nosso desejo, e nosso desejo é duplo: ao mesmo tempo em que tende à imagem positiva, é também a expressão de lamento por sua ausência no simbólico. Pois o desejo que tende a ela como presença, ao tentar abordá-la como *sujeita*, terá de lamentar sua ausência, ou seja, terá de reclamar na linguagem essa ausência inconcebível. Esse é o desejo da *réplica*.



A insustentável postura discursiva

Meu objetivo agora é mostrar a difícil postura discursiva em que todas as mulheres se encontram, inclusive as mulheres que estão cientes da impostura e da mentira patriarcal. Uso a palavra *postura* para designar uma atitude, uma forma de estar, uma posição que dizem ser “antinatural ou indecorosa”. Lembrando que a postura é uma maneira de se sustentar; sustentar-se significa, entre outras coisas, “ser composta por elementos coerentes que dão origem à verossimilhança”.

Quando tudo (indivíduos, linguagem e sociedade) conspira para negar suas percepções, ou seja, justamente aquilo que constitui a informação primária com base na qual é possível afirmar qualquer coisa, seja para dá-la como verdadeira ou declarar um julgamento como verdadeiro, como não duvidar de si mesma? Como não cair na incoerência, na ambiguidade e na contradição? Como evitar o paradoxo?

Neste ponto, eu me lembro de três das variantes fundamentais do paradoxo elencadas por Paul Watzlawick em *How Real is Real?*⁵:

1. Se um indivíduo for punido por outro indivíduo significativo por ter uma percepção correta do mundo exterior ou de si mesmo, aprenderá a duvidar dos dados fornecidos por seus sentidos;

⁵ WATZLAWICK, Paul. *How Real is Real?* Communication, Disinformation, Confusion. New York, Toronto: Random House, 1976, pp. 18–19.



2. Se um indivíduo significativo espera que o outro tenha sentimentos diferentes dos que de fato experimenta, o outro acabará se sentindo culpado por ser incapaz de sentir o que lhe foi dito que deveria sentir para ser aprovado pelo indivíduo significativo;
3. Se um indivíduo significativo formula para o outro injunções que simultaneamente exigem e proíbem determinadas ações, surge uma situação paradoxal na qual o outro só pode obedecer desobedecendo.

Se transpusermos as consequências do duplo vínculo para o nível do discurso, isso significa que o sujeito colocado em uma situação de duplo vínculo só pode balbuciar, mentir e se contradizer.

No mesmo local onde o sujeito masculino prova sua experiência falando sobre tudo — o que ele sabe e o que acha que sabe —; isto é, onde a presença familiar do sujeito neutro-masculino torna plausíveis, prováveis e até inquestionáveis as intervenções imaginativas, criativas, redutoras e contraditórias dele; o sujeito feminino é reprimido no paradoxo de sua ausência simbólica e presença real. Assim, onde quer que a mulher acredite que se encontrou na linguagem, por não estar lá, ela comete um erro de raciocínio. Ela é enganada e engana (o sentido). Como ela poderia alegar e justificar estar presente onde não está? No limite, ela só pode fingir estar; ela só pode estar [não estando] caso se considere *um outro*.



Ao discorrer numa ordem de pensamento masculino que nega a sua existência, a sujeita feminina desperdiça seus pensamentos, desperdiça seu desejo, desperdiça sua esperança.

A sujeita incrível / sujeita fabulosa

A linguagem é o que nos permite transportar a imagem mental ao pensamento. A escrita de ficção é o que nos permite despistar o “pensamento hétero”⁶, ou seja, o linear-binário.

Já dissemos que, na origem da sujeita feminina, há uma imagem positiva da mulher, e que essa imagem engendra o desejo. Também dissemos que a sujeita feminina, confrontada com o discurso que a nega, torna-se improvável, incoerente e que, ao querer replicar, desperdiça sua esperança. Uma sujeita inadmissível, a sujeita feminina parece ser real apenas na escrita de ficção, que a faz acontecer. É nesse lugar (na ficção), onde o sentido comum é continuamente distorcido, frustrado, contornado, desfeito e desviado pelo modo (a maneira de dizer), que o teste do sentido pode de fato acontecer. É

⁶ N.T. Referência ao conceito do “pensée straight” desenvolvido por Monique Wittig (1992). O conceito abarca a rede de instituições, ciências e disciplinas que estabelecem a heterossexualidade e a dominação masculina como fenômenos naturais, sendo assim impossível conceber uma sociedade na qual a heterossexualidade não ordene as relações humanas e a cultura humana. Do inglês, a palavra “straight” evoca também uma linha reta.



precisamente onde há uma “ilusão referencial”⁷ que nós, mulheres, teoricamente atravessamos a opaca realidade semântica patriarcal e que a sujeita fabulosa que somos se torna operativa.

Sujeita fabulosa, sujeita operativa, tal é o propósito que toma forma em nossa presença na escrita. E o que nos escapa na vida não nos escapa aqui, enquanto trabalhamos na escrita a proposição de que nós existimos e podemos nos fazer existir.

Está ficando tarde...

Está ficando tarde, e é hora de voltar à realidade desta sala de conferência. A realidade é um assunto fabuloso que assombra nossas vidas tridimensionais. Está ficando tarde para escrever a nossa história na história, porque a história é como um vício oculto, sempre atrás de nós. Uma pretensão acabada.

Está ficando tarde para a reiteração, mas, ainda assim, desejo que toda mulher — pelo menos uma vez na vida — reconte sua história com a paixão de sua esperança.

Está ficando tarde, muitas vezes é o que dizemos quando o dia amanhece... e então eis que toda a nossa presença se dá como um corpo em

⁷ Esse é o título de um artigo de Michael Riffaterre. Vide MICHAEL, Riffaterre. *L'illusion référentielle*. R. Barthes, L. Bersani, P. Hamon, M. Roffaterre et I. Watt, *Littérature et réalité*, Seuil, Points Essais, Paris, p. 91-118, 1982.



preparação para a magia da vida, assim como na realidade. Há palavras para isso. Uma vez mais.

Tradução: Monalisa Almeida Cesetti Gomyde.

Preparação do texto: Rayssa Galvão.

As Ondas Editora.
44.314.346/0001-30
asondaseditora.com